

**O Evangelho em Forma de Arte:
Uma análise da arte do artista Felipe Guga¹**

Marseille Soares e SILVA²

RESUMO

A pós-modernidade é marcada pelo fato de os seres humanos se conectarem facilmente por meio das redes sociais, mas ao mesmo tempo eles não vivem conectados uns aos outros emocionalmente, seus relacionamentos estão cada vez mais propensos à liquidez e instantaneidade como diz Bauman. O evangelho se tornou apenas um assunto sem graça, monótono e frio para os seres humanos do século XXI, o assunto sobre a existência de um Deus foi deixado de lado. A presente pesquisa tem como objetivo enxergar o evangelho em forma de arte por meio de uma análise da arte do artista Felipe Guga, que convence as pessoas do contrário, espalhando o amor de Deus pelo aplicativo Instagram. As artes comunicam, são como que um vínculo social, como afirma Mafessoli.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Felipe Guga; Instagram; redes sociais; evangelho.

Introdução

Atualmente se vive em uma sociedade pós-moderna, marcada pelo avanço da tecnologia e globalização. Com as tendências da moda, os jovens têm desejado cada vez mais se adequar a um determinado grupo para adquirir um certo tipo de *status* social. Assim, o universo das tendências tecnológicas e da moda dominou o mundo, tornando-o ocidentalizado e tem proporcionado aos indivíduos a liberdade de usar as redes sociais a qualquer momento, sem um limite de tempo e espaço.

Eles têm a capacidade de mandar e-mail e usam as redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Snapchat* e *Instagram* para dizer o que estão fazendo naquele exato momento ou “tiram” uma *selfie* num lugar, registram e mostram aos amigos, se conectam e se desconectam, comunicam-se por imagem, postam uma foto e podem apagá-la quando quiser, podem criar

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/08/2016.

² Aluna do curso de Comunicação Social no Centro Universitário Adventista São Paulo campus Engenheiro Coelho- SP. E-mail: marseillesoares20@gmail.com

identidades diversas, produzir suas próprias artes com programas ou aplicativos, usando músicas e filmes como referência. E isso tudo pode acontecer numa velocidade de luz.

A arte contemporânea, nos últimos anos, passou a ser valorizada pelo público jovem, as redes sociais estão cada vez mais transmitindo através de imagens, símbolos e sinais, os seus significados.

Bauman (2004), chama essa sociedade de líquida, isto é, marcada pela “incerteza em relação ao futuro, fragilidade da posição social e insegurança existencial” (BAUMAN, 2004, p. 132). Esse plano de fundo da sociedade pós-moderna de acordo com Bauman, também afasta os indivíduos daquilo que é sagrado, fazendo-os perderem a noção do que se deve ser considerado digno de admiração e reverência.

O evangelho passa a ser ridicularizado e a ser a causa dos preconceitos sociais por parte de alguns indivíduos, a igreja começa a ser ignorada por muitos e a ideia da existência de um Deus se torna-se cada vez mais criticada e distante para a maioria dos indivíduos pós-modernos. E desse parâmetro, surge a seguinte questão: em um sociedade líquida aos olhos de Bauman, é possível o indivíduo se aproximar de Deus através da arte por meio de imagens?

Essa questão será respondida por meio de uma pequena análise da arte do artista Felipe Guga, o carioca que tem 276 mil seguidores no Instagram. E, relacionando elas com o pensamento dos autores Bauman e Maffesoli.

Secularização e fragilidade dos laços humanos

O termo “secularização” envolve vários elementos. Geralmente se compreende como a “vida sem Deus e sem religião”. Na verdade, a secularização não quer dizer excluir totalmente a ideia da existência de um Deus, mas sim uma nova compreensão a respeito. O indivíduo deseja e busca por algo que vá além de sua existência, procura explorar novas compreensões de um determinado assunto ou coisa e tenta se identificar com algum tipo de relação espiritual. Com o avanço da tecnologia, isso se tornou complicado e acabou afastando o homem da ideia de Deus, como diz Bauman (1998).

Para o autor, na pós-modernidade, os indivíduos se sentem desligados uns dos outros e, assim, anseiam se conectar. As conexões não garantem permanência, e podem ser alteradas a

qualquer momento e por vezes diversas. Os indivíduos preferem “conectar-se” ao invés de “relacionar-se” e preferem falar em “redes” ao invés de “bater um papo”.

A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela, as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar”. Mas uma “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las (BAUMAN, 2004, p. 12).

Segundo o autor, os laços humanos são facilmente rompidos, ao contrário do que ele chama de relacionamentos reais. Já, Castells (1999), afirma que as comunidades virtuais não são necessariamente irreais, mas funcionam em outro plano da realidade, apesar de estabelecerem relacionamentos fracos, podem gerar reciprocidade e suporte (1999, p. 445-446). Elas funcionam hoje, da forma mais popular: através de celulares.

Os celulares acabaram com a necessidade das cabines telefônicas, ou pelo menos de muitas delas. A informação disponível online reduziu a circulação de revistas e jornais, e, como resultado, a renda das propagandas impressas caiu [...]. Essa revolução também adicionou uma nova gama de atividades (e palavras) à cultura popular: *blogs, tags, hackers, spams, tweets, Google e games* (TURNER, 2013, p. 179-180).

Os celulares são um acessório indispensável na sociedade líquida, foram feitos para indivíduos sempre em movimento, com ele ficou mais fácil estar sempre conectado à internet: “estando com seu celular, você nunca está fora ou longe; encontra-se sempre dentro, mas jamais trancado em um lugar” (BAUMAN, 2004, p. 78). Esses dispositivos móveis permitem que os indivíduos tenham proximidade sem contiguidade física com a internet, e o autor considera isso um fracasso.

Com as redes de internet, a sociedade passou a dar valor às imagens, ao que é belo e descartando com facilidade aquilo que deixou de ser importante, e os laços humanos passaram

a se escorrerem como fluídos, se tornaram frágeis e o amor ao próximo se tornou quase que impossível (BAUMAN, 2004).

Mas Maffesoli (1995) converte o cenário da visão de mundo de Bauman. Para ele, a ideia de cotidiano deve ser marcada como que um tempo caracterizado por uma gama de imagens que rodeiam a vida social.

O conhecimento vindo da partilha, da colocação em comum das idéias, evidentemente, mas também das experiências, dos modos de vida e das maneiras de ser (MAFFESOLI, 1995, p. 102). O autor trata a imagem como um vínculo social entre indivíduos e símbolos. É “aquilo que me faz experimentar sentimentos, sensações e emoções com os outros” (MAFFESOLI, 1995, p. 128).

Arte e evangelho

A arte contemporânea tem sido admirada pelos jovens recentemente, através das redes sociais e artistas estão cada vez mais conhecidos por seus talentos de arte. Ela tem comunicado, tem sido uma forma de linguagem prática, leve e sentimental sendo mostrada às pessoas através de imagens, se tornou de fácil observação a todos os indivíduos, usuários da internet.

A imagem é compreendida de forma rápida, ela é o fator de comunhão, relação de um indivíduo a uma coisa, pois transmite emoções. Ela não deve ser individual, deve ser compartilhada de forma coletiva.

Sobre o evangelho, o apóstolo Paulo escreveu carta para as igrejas cada qual conforme a sociedade em que viviam na época, e de acordo com seus costumes e hábitos. Paulo tinha uma forma de simplificar o evangelho para todo público o que ouvia, eram pessoas de todas as classes sociais. Paulo compreendia a sociedade em que viviam, pois ele viveu em Roma, ele sabia como era viver numa sociedade capitalizada e adaptava o evangelho para as igrejas de acordo com o ambiente em que elas estavam situadas. Isso fortaleceu o evangelho, o público passou a entender o que Paulo queria dizer com suas palavras de fé.

Assim como Paulo, o artista Felipe Guga (Instagram: @ofelipeguga) também evangeliza, mas por meio da sua arte em redes sociais. Natural do Rio de Janeiro, Guga começou suas

artes se inspirando na sua própria experiência de vida com Deus. Ele usa materiais e canetas com cores neon. O artista faz desenhos que têm frases bíblicas, tira foto deles e compartilha no aplicativo de fotos, o Instagram. Seu evangelho através da arte é adaptado à sociedade em se vive hoje, se encaixa nos paradigmas de uma sociedade contemporânea, configurada pela pós-modernidade. O Instagram é um aplicativo de fotos em que maior parte dos públicos tem uma conta, e eles podem visualizar. É um evangelho que eles possam ver, comentar ou discutir, promove uma interação entre o receptor e a imagem como diz Maffesoli (1995).

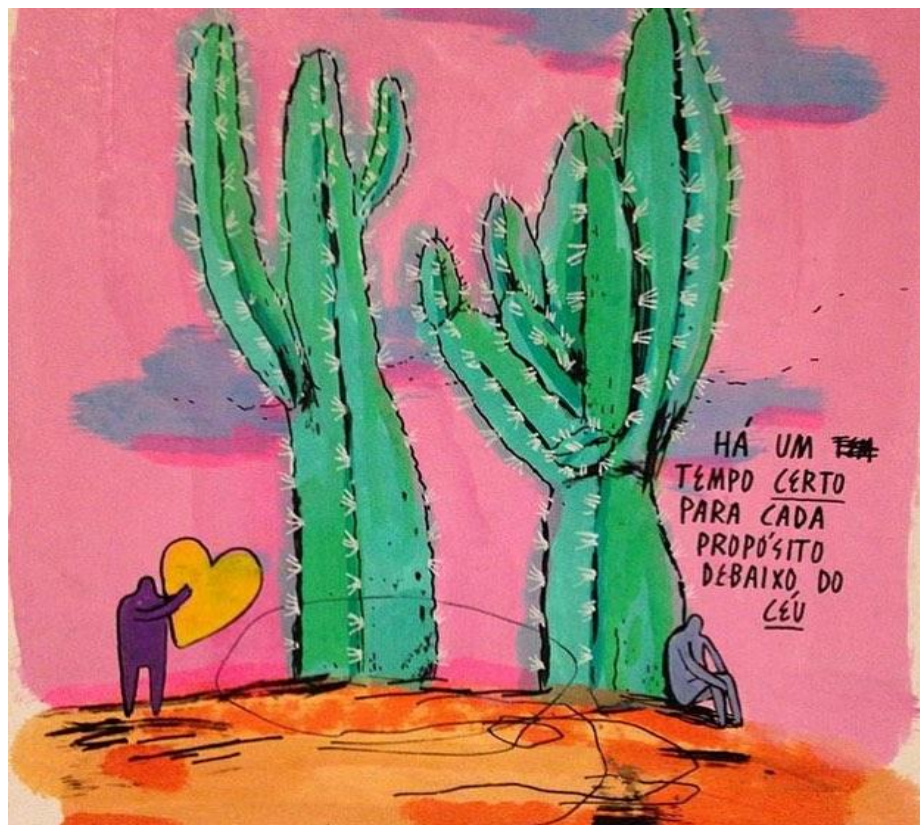


Figura 1- O artista brinca com as cores e escreve frases de motivação que tenham como inspiração o amor de Deus. Nessa arte, ele se inspirou no verso do livro de Eclesiastes (cf. Ec 3:1).



Figura 2- Nessa imagem o artista passa a mensagem de que a alegria pode vir pela manhã, no desenho, o boneco expressa sentimentos de tristeza ou aflição, o artista se inspirou no verso de Salmos. (cf. Sl 30:5).



Figura 3- Nessa arte, o artista associa o desenho de lâmpada com cores coloridas com o verso bíblico no livro de Salmos (cf. Sl 119:105).

Os seguidores de Guga, em geral, todos dão um retorno positivo sobre seu trabalho de transmitir o amor de Deus através da arte, poucos são os que criticam. Os desenhos dele, pela análise feita, encantam o público pelas cores vivas e pela criatividade de associar com frases bíblicas.

Como se pode ver, a arte por meio de imagem causa diversas reações e experiências ao receptor como emoções e identificação com a situação ou com aquilo que ela significa.

Maffesoli (1995) ressalta que a imagem “permite a todos exprimir e viver muitas potencialidades do seu ser” (MAFFESOLI, 1995, p. 79). Também pode ser considerada uma transmissão de novas idéias para o público usuário da internet.

Os usuários da internet se dizem “ocupados” demais para apreciar uma arte ou refletir sobre ela. Assim também acontece com o evangelho atualmente, ele é considerado chato e longe de ser leve, causando frustrações a alguns indivíduos. A sociedade pós-moderna culpa a velocidade do tempo, sendo que na verdade, é numa sociedade configurada sob os paradigmas da tecnologia.

Em 1999, O papa João Paulo II deixou uma carta aos artistas, para que eles pudessem levar o evangelho de uma forma mais prática e estética, com valorização do belo e de seu dom.

Ninguém melhor do que vós, artistas, construtores geniais de beleza, pode intuir algo daquele *pathos* com que Deus, na aurora da criação, contemplou a obra das suas mãos. Infinitas vezes se espelhou um relance daquele sentimento no olhar com que vós — como, aliás, os artistas de todos os tempos —, maravilhados com o arcano poder dos sons e das palavras, das cores e das formas, vos pusestes a admirar a obra nascida do vosso gênio artístico, quase sentindo o eco daquele mistério da criação a que Deus, único criador de todas as coisas, de algum modo vos quis associar (João Paulo II, 1999, *carta aos artistas*).

O Papa considera a arte uma dádiva de Deus, que deve ser bem empregada na sociedade em prol dEle. E ele afirma que os indivíduos precisam de mais demonstrações de amor através da arte.

De facto, a sociedade tem necessidade de artistas, da mesma forma que precisa de cientistas, técnicos, trabalhadores, especialistas, testemunhas da fé, professores, pais e mães que garantam o crescimento da pessoa e o progresso da comunidade, através daquela forma sublime de arte [...]. Um artista, consciente de tudo isto, sabe também que deve actuar sem deixar-se dominar pela busca duma glória efêmera ou pela ânsia de uma popularidade fácil, e menos ainda pelo cálculo do possível ganho pessoal. Há, portanto, uma ética, ou melhor, uma espiritualidade do serviço artístico, que a seu modo contribui para a vida e o renascimento do povo [...]. Toda forma autêntica de arte é, ao seu modo, um caminho de acesso à realidade mais profunda do homem e do mundo. E, como tal, constitui um meio muito válido de aproximação ao horizonte da fé, onde a existência humana encontra a sua plena interpretação. Por isso é que a plenitude evangélica da verdade não podia deixar de suscitar, logo desde os primórdios, o interesse dos artistas, sensíveis por natureza a todas as manifestações da beleza íntima da realidade (João Paulo II, 1999, *carta aos artistas*).

Considerando as palavras do Papa João Paulo II, como se vive em uma sociedade secularizada e modificada pelos avanços tecnológicos, o estilo de vida se alterou, tornou-se ocidentalizado pelo mundo das imagens, das mensagens rápidas, é o mundo onde todos estão inclusos, maior parte da humanidade está conectada a tudo e a todos a qualquer momento e a qualquer lugar.

Para Spadaro (2012), as tecnologias não são mais ferramentas para uso externo e para nossa mente, a rede não é mais esse instrumento que nos orienta, mas sim o ambiente em que se vive atualmente.

O evangelho através da arte é uma forma de adaptação à sociedade de hoje. Para que possa ser acessível a todos os indivíduos, que todos eles possam ver, sentir e interpretar seus respectivos significados através de imagens.

O artista Felipe Guga adapta as frases e palavras do amor de Deus em forma de arte para ser um encanto e admiração aos usuários que consideram o evangelho chato e monótono, a rever seus conceitos a respeito de Deus.

Considerações finais

A sociedade cada vez mais se surpreende com as novas tecnologias, todos estão presente nas redes sociais, estão ligados e atualizados sobre qualquer assunto, exploram e adquirem conhecimento num piscar de olhos, graças à ciência da tecnologia. E isso permite que os indivíduos tenham acesso a uma gama de imagens e hipertextos, isso os aproxima, cria vínculos e atribuem tipos de significados a cada indivíduo conforme suas situações de vida. O evangelho do artista Felipe Guga está dentro dessa nova configuração social, a sociedade em rede, como diz Castells (1999). E essa é a forma que o evangelho deve funcionar nessa sociedade, que faça com que os indivíduos se sintam bem e se identifiquem com ele. Como diz o Papa João Paulo II, o mundo precisa de artistas.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Arte e ofícios, 1995.

PAULO II, J. **Carta aos artistas**. Vaticano, 1999. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html> Acesso em: 25/06/2016 às 14:53.

SPADARO, A. **Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede**. São Paulo: Paulinas, 2012.

TURNER, S. **Engolidos pela cultura pop**. Viçosa: Ultimato, 2013.

FIGURA 1- Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BGkVg4OGdvd/?taken-by=ofelipeguga> > Acesso em: 27/06/2016 às 09:30.

FIGURA 2- Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BG2rucCGdp2/?taken-by=ofelipeguga> > Acesso em: 27/06/2016 às 10:25.

FIGURA 3- Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BG9pKxbmdrQ/?taken-by=ofelipeguga> > Acesso em: 27/06/2016 às 17:33.